

# EVA WENDRINER GAJ<sup>1</sup>

(Gleiwitz, Alemanha, 1932)



Eva Wendriner Gaj, S. Paulo, 2015.  
Reproduzido do vídeo gravado por Laís Rigatto Cardilo.  
Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.

---

1 Entrevista concedida por Eva Wendriner Gaj a Sarita Mucinic Saruê, pesquisadora da Equipe de História Oral. S. Paulo, 12.4.2015. Câmera: Laís Rigatto Cardilo. Transcrição: Samara Konno, complementada por Maria Luiza Tucci Carneiro e Sarita Mucinic Saruê. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

## Minhas raízes judaico-alemãs

Eva Wendriner é o meu nome completo de solteira, depois acrescido do sobrenome Gaj, de casada. Nasci no dia 15 de novembro de 1932, na cidade de Gleiwitz, na Alemanha, hoje Polônia. Meus pais, nascidos nesse mesmo lugar, chamavam-se Jorge Wendriner e Wally Loebmann, sendo Enrique o meu irmão mais velho. Não cheguei a conhecer meus avós paternos, mas sei que eram judeus e que tinham uma fábrica de licores. Nada mais.



Gleiwitz (hoje Polônia), cidade natal de Eva Wendriner Gaj.  
Google Maps.

Pelo lado materno, meus avós chamavam-se Beth e Isaac, sendo uma família tradicional alemã. Conheci apenas a minha avó Beth, que veio morar no Brasil em 1937 e aqui faleceu. Além da minha mãe, havia outros filhos: Martin, Salo e Erna Loebmann.

Na minha cidade de Gleiwitz, havia uma sinagoga que era por nós frequentada. Não sei o nome do bairro onde morávamos, mas me lembro um pouco da casa que usávamos como moradia. Eu e meu irmão Enrique – três anos mais velho do que eu – frequentávamos a escola pública local, onde estudamos apenas alguns meses, pois logo começaram as proibições

*Eva Wendriner Gaj*



Wally Loebmann e Jorge Wendriner, noivos.  
Alemanha, 1927.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Pais de Eva com amigos. Alemanha, 1932.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.

nazistas aos judeus. Não me recordo do dia em que ocorreu a ocupação nazista, pois eu tinha apenas 7 anos de idade.



Enrique e a irmã Eva Wendriner. Alemanha, 1935.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.

## ***Sob a ocupação nazista***

Como disse, eu tinha apenas 7 anos quando a Alemanha invadiu a Polônia. Houve um dia em que dois soldados nazistas entraram em nossa casa e quebraram tudo que havia dentro. Meus pais, meu irmão Enrique e eu não estávamos presentes, mas lá estava uma empregada que trabalhava conosco havia dez anos. Ela era católica e conversou com os soldados tentando nos defender: “Eu não acredito que o nosso Senhor Hitler está mandando vocês fazerem essa destruição na casa das pessoas!”. Nós gostávamos muito dela, tanto que após a guerra continuamos nos comunicando.

Lembro-me de que, em novembro de 1938, meu irmão Enrique caminhava para a escola quando voltou para casa assustado dizendo que não teria aula, pois as vitrines das lojas estavam sendo quebradas e a sinagoga da cidade ardia em chamas. Isso foi na *Noite dos Cristais (Kristallnacht)*.<sup>A</sup> Naquele

**A-** A *Noite dos Cristais (Kristallnacht)* ficou conhecida como a *Noite dos Vidros Quebrados*. Essa onda de violência contra os judeus espalhou-se por todo o *Reich* atravessando a noite de 9 para 10 de novembro de 1938, dando continuidade aos *pogroms* que, antecipadamente, vinham sendo organizados por Joseph Goebbels, ministro alemão da Propaganda, e outros líderes nazistas. Pretendia-se dar a impressão de que aquela revolta vinha da população alemã contra o assassinato de um oficial daquele país por um adolescente judeu em Paris. Em apenas dois dias, mais de 250 sinagogas foram queimadas, cerca de sete mil estabelecimentos comerciais judaicos destruídos, dezenas de judeus foram mortos, cemitérios, hospitais, escolas e casas judias foram saqueadas diante da total indiferença da polícia e dos bombeiros. Na manhã seguinte, 30 mil judeus alemães do sexo masculino foram presos por serem judeus e enviados a campos de concentração, onde centenas acabaram morrendo. Algumas mulheres judias também foram detidas e enviadas para prisões locais. Toques de recolher foram impostos, limitando as horas do dia em que os judeus podiam sair de suas casas. Cf. *Enciclopédia do Holocausto*, United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007697>>. Acesso em: 28 jul. 2017.



Eva e o pai Jorge Wendriner, abril de 1939.  
 Fotografia não identificada.  
 Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.



**The New York Times.**



Entre o choque e a incredulidade, a imprensa internacional reagiu aos acontecimentos que marcaram a Noite dos Cristais: *Folha da Manhã*, S. Paulo, 11.11.1938; *The New York Times*, 11.11.1938.

mesmo dia, após o ocorrido, meu irmão, meus pais e eu estávamos indo visitar minha avó quando meu pai foi delatado como judeu enquanto comprava cigarros dentro de uma loja. O dono havia ligado para a polícia, que o levou para o campo de concentração de Buchenwald. Meu pai não tinha ideia do que aconteceria.

Uma coisa ficou clara: após a *Noite dos Cristais*, a vida de todos os judeus na Alemanha e na Áustria não era mais a mesma. Tudo ficou muito difícil. Começamos a ser barrados em todos os lugares públicos, como escolas, museus, parques e piscinas. Fomos expulsos das escolas públicas e obrigados a viver isolados. O desespero tomou conta de todos nós. As famílias judias, desesperadamente, tentaram sair da Alemanha e da Áustria. Meu pai não queria sair da Alemanha, pois toda sua família havia nascido lá, e achava que nada ocorreria com ele, já que era cidadão alemão e pagava todos os seus impostos.

## Prisioneiro em Buchenwald

Durante seis semanas, meu pai permaneceu em Buchenwald.<sup>A</sup> Minha mãe costumava levar roupas para ele, mas soubemos depois que nunca as havia recebido. Uma vez ele nos contou que foi beber água da chuva que caía do telhado – pois tinha sede, já que a comida que lhe davam era muito salgada – quando um militar viu e golpeou-o na cabeça. Os médicos judeus do campo disseram-lhe para não fazer nada que o ferimento cicatrizará sozinho. Um certo dia, alguém tocou a campainha de casa e eu atendi. Disse para minha mãe que havia um homem desconhecido na porta. Era meu pai! Ele não tinha mais os cabelos pretos e ondulados, estava calvo e malvestido. Seis semanas em um campo foram o suficiente para que eu sequer o reconhecesse quando voltou para casa.

**A-** Buchenwald, com seus muitos campos-satélites, foi um dos maiores campos de concentração criados pelos nazistas. Foi construído em 1937 em uma área arborizada na encosta setentrional da floresta de Ettersberg, a cerca de oito quilômetros a noroeste da cidade de Weimar. Em julho de 1937, Buchenwald foi aberto para a acomodação masculina, e, até o final de 1943 ou início de 1944, mulheres não eram detidas naquele sistema de campos de concentração. No “campo principal”, os agentes das SS frequentemente fuzilavam prisioneiros nos estábulos ou os enforcavam na área do crematório. Em 1938, após a *Kristallnacht*, os agentes das SS e da polícia alemã enviaram cerca de dez mil judeus para Buchenwald, entre os quais estava Jorge Wendriner, pai de Eva e Enrique. Duzentos e cinquenta e cinco deles morreram por causa dos maus-tratos iniciais infligidos naquele campo.

## Prenúncios de mudanças

Em 1940, meu pai conseguiu a liberdade de Buchenwald. Foi quando recebeu uma carta vinda da Bolívia com uma proposta de trabalho que possibilitaria sua saída da Alemanha. Era uma proposta de contratação por conta de sua experiência com a fabricação de sapatos, enviada por um senhor amigo dos meus tios maternos que haviam saído da Europa anos antes. Meu pai tinha na Alemanha uma fábrica de licores, ou seja, sem qualquer experiência com sapatos: aquela carta era apenas uma “desculpa” para conseguir que saíssemos da Europa. Nada sei nada sobre esses amigos do meu pai que residiam na Bolívia e que nos ajudaram. Não tenho cópia

*Eva Wendriner Gaj*

dessa carta enviada ao meu pai ou de qualquer documento do campo de Buchenwald, onde ele fazia trabalhos forçados. Nada mais sei, pois ele não contava, mas sei que deu certo!

Nesta década de 1930, minha avó materna Beth Loebmann e sua filha Ruth Loebmann resolveram emigrar para o Brasil, onde já estava, desde 1935, o meu tio Salo Loebmann. Este havia saído da Alemanha por conta de seu engajamento com movimentos judaicos de esquerda, que fizeram com que ele logo percebesse que a situação ficaria complicada na Europa. Por parte da minha mãe, antes do início da Segunda Guerra Mundial, um irmão foi para os Estados Unidos (Dr. Martin Loebmann) e outro, Salo Loebmann, veio para a Brasil. Erna foi mandada para a Inglaterra, pois era enfermeira. Pelo lado do meu pai, por volta de 1937 ou 1938, suas três irmãs deixaram a Alemanha rumo a países diferentes: China, Israel e Austrália. Lembro-me do nome de duas irmãs: Elze e Anna.



Wally Loebmann, mãe de Eva Wendriner, (ao centro) acompanhada dos irmãos, s. d.  
Fotógrafo não identificado.

Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Martin Loebmann e a esposa Emmy, s. d.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.

## *Em busca de um refúgio*

A saída de meu pai de Buchenwald aconteceu em 1940. Ele e minha mãe já estavam preparando a viagem para a Bolívia, passando antes pelo Brasil. Mas, com a proibição da entrada de judeus<sup>A</sup> neste país, recebemos apenas o visto boliviano. A razão de querermos emigrar para o Brasil era que meus avós maternos Beth e Isaac, assim como Salo, irmão de minha mãe, já residiam aqui. Nessa época, éramos quase os últimos integrantes da família a sair da Europa. A casa e a fábrica de licores que meu pai havia herdado dos meus avós tiveram que ser vendidas.

Fomos então de trem para a Itália, onde embarcamos no navio Horácio, em 19 de janeiro de 1940, partindo de Gênova. Os homens e as mulheres dormiam em lugares distintos: eu e minha mãe ficamos instaladas em uma cabine, enquanto meu pai e meu irmão estavam em um grande

A- O governo brasileiro manteve cerca de 26 circulares secretas que, entre 1937 e 1948, proibiam e/ou dificultavam a concessão de vistos aos judeus que fugiam das perseguições nazistas e aos sobreviventes do Holocausto, considerados como indesejáveis para compor a população brasileira. A primeira Circular Secreta nº 1.127 foi emitida em 7 de junho de 1937 pelo chanceler Mário de Pimentel Brandão, ministro das Relações Exteriores do governo Vargas, e enviada aos diplomatas brasileiros em missão no exterior. Esta foi reafirmada pela Circular Secreta nº 1249, de 27 de setembro de 1938, durante a gestão do chanceler Oswaldo Aranha, impondo normas à entrada de estrangeiros de origem semita em território nacional, seguida de outras tantas que comprometeram a fuga de mais de 14 mil judeus que tiveram seus vistos indeferidos. Em 1º de fevereiro de 1948, foi emitida, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, a Instrução nº 117/511.3 que impunha aos diplomatas brasileiros: “não visar passaportes de judeus”. Sobre as circulares, ver CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. *Cidadão do mundo: o Brasil diante do Holocausto e dos refugiados do nazifascismo*. S. Paulo: Perspectiva, 2010; *O veneno da serpente*. S. Paulo: Perspectiva, 2013. p. 119-122.

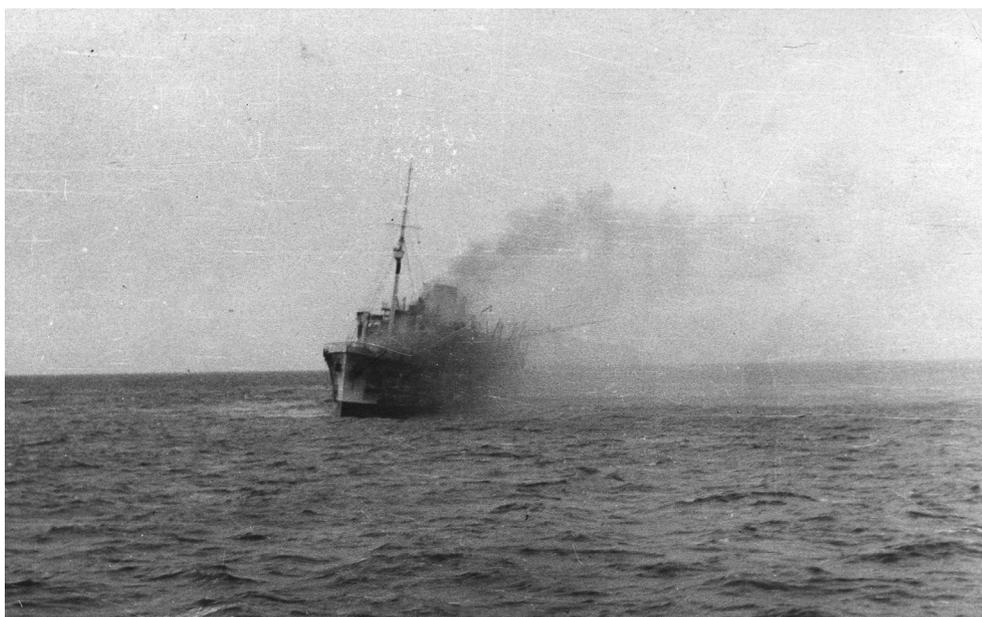
*Eva Wendriner Gaj*



Aniversário de 70 anos de Salo Loebmann (tio de Eva Wendriner Gaj), no Bar Brahm, s. d.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Incêndio no navio Horácio que levava Eva Wendriner e os pais, 1940.

Acervo: Arqshoah-Leer/USP.

salão com mais de 40 pessoas. Em um dado momento, à noite, tocou o sino do navio para que todos saíssem e se dirigissem ao *deck*, pois havia um incêndio causado por uma explosão nas máquinas. Muitos homens morreram, pois se jogavam do navio achando que conseguiriam nadar até a costa da França. Passamos 18 horas esperando por ajuda, sem água nem comida, e tudo estava quente por conta do fogo, embora o clima estivesse frio. Estávamos todos da família separados, então não se sabia o que havia acontecido ao outro durante o incêndio. Por fim, fomos resgatados pelo navio Conte Biancamano, que nos levou de volta à Itália. Perdemos todos os nossos bens que estavam no navio Horácio. Infelizmente, não sobrou nenhum documento dessa nossa viagem, pois estragou tudo no fogo.

Em Gênova, eu e meus pais ficamos hospedados em um hotel com a ajuda do Joint<sup>A</sup> que oferecia suporte aos judeus que fugiam das perseguições nazistas. Meu irmão foi levado por um senhor judeu para que ficasse em sua fazenda junto com outras crianças até que conseguíssemos embarcar novamente. Após três semanas, retomamos a nossa viagem de 15 dias, a bordo do navio Augusta, mas não me recordo da data.

## *Nossa vida na América do Sul*

### Da Alemanha para a Bolívia

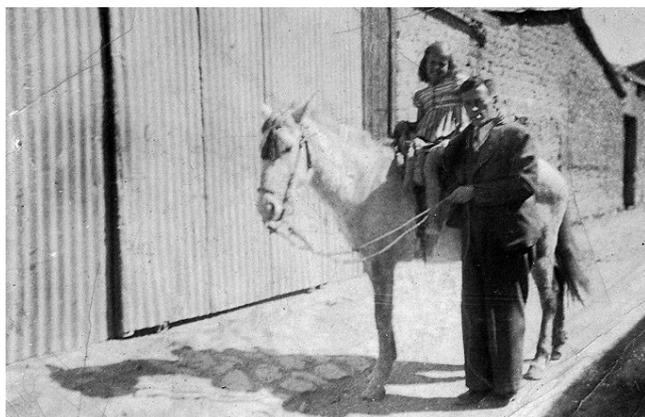
Chegamos à América do Sul: paramos no Peru, onde a comunidade local ajudou as famílias com roupas e comida. Daí seguimos de trem para La Paz, na Bolívia.<sup>B</sup> Em La Paz, meu irmão e eu ficamos em um lar de crianças judaico, e meus pais seguiram para uma comunidade organizada pela

**A-** O American Jewish Joint Distribution Committee (Joint) é considerado a maior instituição filantrópica judaica de socorro americana, com escritórios de apoio em vários países da Europa, das Américas e do Oriente. Teve importante papel nas décadas de 1930 e 1940, pois possuía fundos autônomos destinados exclusivamente à emigração. Assim como o Council for German Jewry, cuidava da assistência aos refugiados em trânsito, da emigração propriamente dita e do estabelecimento do emigrante/refugiado no país de destino. Por exemplo, em Xangai, o Joint mantinha um edifício para abrigar por alguns dias aqueles que chegavam nos navios e lá ficavam aguardando documentos ou a liberação dos vistos. Em 1938, na Bolívia, o Joint, aliado ao jovem austríaco Maurício Moritz Hochschild – milionário e proprietário de minas e vários negócios no Peru, na Bolívia e no Chile, conhecido como o magnata do estanho –, financiava a fundação da colônia Buena Tierra, a quatro mil metros de altitude, no planalto andino. Esse projeto era apoiado pelo governo boliviano que oferecia a possibilidade de imigração judaica em massa para aquele território. O diplomata José de Oliveira Almeida, do consulado brasileiro em Málaga, chegou a sugerir ao ministro das Relações Exteriores do Brasil, Mário de Pimentel Brandão, providências para impedir que “semitas” de origem romena entrassem no território brasileiro através das fronteiras da Bolívia (Ofício reservado, Málaga, 29 mar. 1938. AHI/RJ).

**B-** Tanto a Bolívia como o Peru eram países da América Latina considerados como “de refúgio” para os judeus que fugiam das perseguições nazistas na Europa. Eram países pouco desenvolvidos e geralmente desconhecidos para a maioria dos judeus. É importante lembrar que, às margens do Pacífico, em Lima e El Callao, ou no alto dos Andes, em La Paz e Cochabamba, a população mal sabia sobre o que estava acontecendo com os judeus na Europa ocupada pelos nazistas. A Bolívia e o Peru contribuíram para a sobrevivência do povo judeu na Diáspora. No final dos anos 1930, a Bolívia gozava de estabilidade política e consolidava, consideravelmente, sua economia, apesar de ter enfrentado em 1932 a trágica guerra do Chaco. O governo

## *Eva Wendriner Gaj*

família Hochschild.<sup>A</sup> Como minha mãe tinha parentes no país – aqueles que mandaram a carta de trabalho ao meu pai ainda na Alemanha –, ela conseguiu um trabalho de garçone. Aos finais de semana, a família se encontrava, até que um ano depois fomos todos mandados para Tupiza, uma pequena cidade para a qual os imigrantes eram enviados para povoar.<sup>B</sup>



Eva Wendriner Gaj ao lado do pai Jorge Wendriner.  
Tupiza, c. 1940.

Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Em Tupiza, meus pais abriram um restaurante, onde o engenheiro de minas local fazia suas refeições. Era Herbert Weiss, que depois veio para o Brasil, e com quem mantivemos contato. Eu frequentei uma escola de freiras para mulheres, a única que havia, e meu irmão uma escola para homens. Minha mãe pegou tifo e ficou internada por três meses no hospital das freiras, e, como não havia remédio, ela se curou tomando leite durante todo esse tempo. A vida ali era muito precária, mas, como eu era muito criança, não me recordo de muita coisa, da cultura local que, certamente, era muito diferente da vida e da cultura alemãs.

promulgou dois decretos, em 17 de julho e 22 de agosto de 1937, com o objetivo de atrair imigrantes para colonizar as áreas próximas das fronteiras do Paraguai. Uma circular do Ministério de Agricultura e Colonização declarava que as “fronteiras da Bolívia estavam abertas a todos os homens saudáveis do mundo que desejassem ir colonizar as regiões orientais do país ou instalar-se nas colônias governamentais de Cochabamba e Santa Cruz”. Na Oitava Conferência Internacional Americana, reunida em Lima, em 9 de dezembro de 1938, a delegação da Bolívia, liderada por Eduardo Diez de Medina, manifestou-se publicamente a favor da emigração judaica (ou semita) para aquele país. Assim, foi colocada em prática a política das portas abertas à imigração semita.

**A-** Maurício Hochschild era o judeu com maior projeção na Bolívia. Oriundo da Alemanha e formado pela Universidade de Friburgo, na Suíça, possuía diploma em engenharia de minas e economia. Havia chegado à Bolívia na década de 1930, com capitais próprios e empréstimos, tornando-se em poucos anos um dos maiores produtores de estanho no país. Era proprietário da Compañía Minera Unificada del Cerro de Potosí e equiparava sua produção à antiga companhia de minas de Carlos Victor Aramayo. Ver AVNI, Haim. Peru e Bolívia e os refugiados judeus durante a Era Nazista. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *O anti-semitismo nas Américas: memória e história*. S. Paulo; Edusp, 2007. p. 693-723.

**B-** Tupiza, cidade da Bolívia, é a capital da província de Stud Chichas, departamento de Potosí. Está situada a 256 quilômetros de Potosí, 323 quilômetros de Tarija e 96 quilômetros de Villazón (fronteira com a Argentina).



Eva Wendriner Gaj e o irmão Enrique Wendriner no trem de Tupiza para La Paz, c. 1942. Fotografia não identificado. Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Eva Wendriner Gaj e uma amiga (da direita para esquerda). Tupiza, 1944. Fotografia não identificado. Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Embora não houvesse outros judeus em Tupiza, meus pais tentavam conservar o judaísmo dentro de casa.

Rezávamos, comemorávamos as festas judaicas e o *Shabat*\*. Por isso, quando meu irmão fez 12 anos, eu e ele fomos para La Paz para que se preparasse para o seu *Bar Mitsvá*\*. Dias depois, meus pais também foram para essa celebração que marca a passagem do menino para a vida adulta, como judeu, com responsabilidades. Mas não houve festa.

Durante a nossa estadia na Bolívia, meus pais costumavam enviar pacotes de comida para aquela nossa antiga empregada católica que ficara na Alemanha, Paula. Ela escrevia cartas nos agradecendo por todo carinho e visitava, a pedido dele, os túmulos dos meus avós paternos no cemitério de Gleiwitz. Alguns de nossos familiares, parece que alguns primos, morreram em campo de concentração, mas não sei os nomes. Não me recordo.<sup>A</sup>

A- Os nomes da família Wendriner constam da lista de judeus que tiveram a nacionalidade anulada pelo regime nazista entre 1935 e 1944. Nos nomes, foram inseridos “Israel” e “Sara”, discriminando-os como judeus indesejáveis para a raça ariana. Georg Israel Wendriner, nascido em Birkental, em 6 de março de 1897, residente em Gleiwitz (Gliwice); Wally Sara Wendriner, nascida em 1º de janeiro de 1906, em Zaborze, residente em Gleiwitz (Gliwice); Ernestine Eva Sara Wendriner, nascida em 15 de novembro de 1932, em Gleiwitz (Gliwice), onde também residia; Heinz Paul Israel Wendriner, nascido em 9 de outubro de 1929, em Gleiwitz (Gliwice), onde também residia. Fontes: National Archives and Records Administration (Nara), Washington, DC; Name Index of Jews Whose German Nationality was Annulled by the Nazi Regime (Berlin Documents Center); Record Group: 242, National Archives Collection of Foreign Records Seized, 1675-1958; Record Group ARC ID: 569; Publication Number: T355; Roll: 9, Stern, Johanna (Löb) – Zysmann, Judith. Ancestry.com. Germany, Index of Jews Whose German Nationality was Annulled by Nazi Regime, 1935-1944 [database on-line].

Eva Wendriner Gaj

## Da Bolívia para o Brasil

Após quatro anos, em 1943, meus pais decidiram sair de Tupiza por conta das condições locais precárias e seguir para Cochabamba, onde abriram uma *bonbonnière*. Integramo-nos levando uma vida judaica em comunidade. Quando meu irmão Enrique atingiu a maioridade, após 12 anos na Bolívia, ele veio para o Brasil morar com a minha tia Ruth, irmã da minha mãe. Pouco tempo depois, eu também vim ao encontro do meu então namorado, com quem me casei em 1955, Luís Gaj. Conhecemo-nos no Macabi, movimento judaico na Bolívia. Em 1952, meus pais chegaram ao Brasil.

41

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL 315433  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Wally Lobmann de Wendriner  
Admitido em território nacional em caráter Permanente  
Nos termos do art. 9º letra g do dec. n.º 387 de 1945  
Lugar e data de nascimento Gltvita 1 / I / 1906  
Nacionalidade Boliviana nat. Estado civil casado  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Isaac Lobmann e Betty A. de Lobmann Profissão Prendas domest.  
Residência no país de origem Cochabamba - Bolívia

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n.º 55.398 expedido pelas autoridades de Cochabamba Bolívia na data 1 de setembro 1953  
visado sob n.º 149

ASSINATURA DO PORTADOR:  
Wally Wendriner

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida a máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

CONSULADO DO BRASIL  
25853

Consulado Prío do Brasil em Cochabamba 16 de setembro de 1953  
o CONSUL:  
LAURO DE VILHEDI FAZCA

44/52

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL MODELO S.C. 120  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Eva Wendriner Loebman  
Admitido em território nacional em caráter Temporario  
Nos termos do art. 7º letra g do dec. n.º 387 de 1945  
Lugar e data de nascimento Alta Blesials 11 / / 1932  
Nacionalidade Alema Estado civil Solteira  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Jorge e Wally Wendriner Profissão Secretaria  
Residência no país de origem Av. San Martín, 287-Cochabamba

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n.º 003089 expedido pelas autoridades de Min. de Imigra- eion, La Paz na data 9-11-1952  
visado sob n.º 34

ASSINATURA DO PORTADOR:  
Eva Wendriner

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida a máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

CONSULADO DO BRASIL  
Cochabamba 30452

Consulado Prío do Brasil em Cochabamba 5 de maio de 1952  
Pe o CONSUL:  
ALBERTO TERCELO LOPES DE CRUZ

Fichas consulares de qualificação de Wally Loebmann de Wendriner e de Eva Wendriner Loebmann, emitidas pelo consulado-geral do Brasil em Cochabamba, em 1952 e 1953, respectivamente.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

### *Vozes do Holocausto*

Fomos muito bem recebidos aqui em S. Paulo e, no início, moramos na casa que meu irmão comprou para nós. Após três meses, já tínhamos emprego. Meu irmão tornou-se mecânico de automóveis, e meus pais abriram uma firma de tecidos que deu certo. Eu trabalhava num escritório de confecções no Bom Retiro; e Luís, numa fábrica de plásticos.

Embora já tenhamos voltado à Alemanha, no fundo quando penso em minha pátria tenho uma reação de raiva, de mágoa. Às vezes, culpamos o povo, mas pode ser que eles não tenham culpa. Acredito que, apesar de tudo que aconteceu na Alemanha, meus pais não falavam mal das pessoas e do nosso país de origem. Essa postura, sem dúvida, muito me ajudou a superar tudo isso sem traumas.

As imagens que guardo do final da década de 1930 na Europa, e que mais me impressionaram, foram aquelas do meu irmão chegando em casa chorando por ter visto os vidros da sinagoga serem quebrados e em chamas, e a cena do meu pai quando voltou de Buchenwald, pois eu não o reconheci.

A mensagem que deixo para as futuras gerações é que uma das coisas mais importantes é ser tolerante com todos os tipos de pessoa. Meus pais me ensinaram isso ao não me obrigarem a adotar o judaísmo, deixando que eu escolhesse em Tupiza se queria ser ou não batizada pelas freiras católicas. Não fui batizada e escolhi seguir a vida judaica.



Eva Wendriner Gaj e Luís Gaj. S. Paulo, 2015.  
Fotografia: Laís Rigatto Cardilo.  
Acervo: Eva Gaj/SP; Arqshoah-Leer/USP.